



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR MILTON  
SANTOS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES**

NAIDI LOPES DE OLIVEIRA

**CONHECE-TE A TI MESMO... E TE TORNARÁS MAIS FORTE: UMA  
EXPERIÊNCIA EM CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES ATRAVÉS DO TEATRO,  
NO COLÉGIO ESTADUAL ALMIRANTE BARROSO**

Salvador  
2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR MILTON  
SANTOS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES**

NAIDI LOPES DE OLIVEIRA

**CONHECE-TE A TI MESMO... E TE TORNARÁS MAIS FORTE: UMA  
EXPERIÊNCIA EM CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES ATRAVÉS DO TEATRO,  
NO COLÉGIO ESTADUAL ALMIRANTE BARROSO**

Artigo apresentado ao programa de Mestrado Profissional em Artes, da Universidade Federal da Bahia, como avaliação final no curso Mestrado em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Marilda Santanna

Salvador  
2016

## **RESUMO**

Este artigo propõe uma reflexão e análise a respeito da importância de se discutir e problematizar a construção da identidade do aluno na escola; além de relatar uma experiência prática em que utilizamos identidade como temática para o curso de teatro da primeira unidade do ano letivo, em aulas regulares, com aplicação dos jogos teatrais de Viola Spolin em duas turmas de primeiro ano do ensino médio no Colégio Estadual Almirante Barroso, situado no subúrbio ferroviário de Salvador. A experiência prática permitiu perceber posicionamentos dos alunos diante de questões envolvendo múltiplas identidades; bem como, proporcionou reflexões e ressignificações a respeito do tema.

**Palavras-chave:** Identidade. Teatro-educação. Reflexões.

## **ABSTRACT**

This article proposes a reflection and analysis on the importance of discussing and questioning the construction of the identity of the student at school; in addition, to report a practical experience in which we used identity as a theme for the drama course of the first unit of the school year in regular classes, with the application of theatrical games of Viola Spolin into two classes of first year high school in Almirante Barroso State School, situated in the suburb of Salvador. The practical experience has allowed us to get to know the students' points of view as well as their opinions about issues involving multiple identities; and it has also promoted reflections and reinterpretations on the subject.

**Keywords:** Identity. Theater Education. Reflexions.

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com Stuart Hall (2006), a questão da identidade tem sido extensamente discutida na teoria social, devido ao fato de que as velhas identidades, que antes eram tidas como fixas e que estabilizavam o mundo social, declinaram e em seu lugar surgem novas identidades, fragmentando o indivíduo. Assim, é possível que um indivíduo possua múltiplas identidades, lançando mão de uma ou de outra de acordo com a necessidade ou interesse.

Para o autor supracitado, até o século XX, as paisagens culturais eram sólidas e as identidades tidas como fixas o que nos oferecia, também, sólidas localizações como indivíduos culturais. Porém, no final do século XX há uma fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade.

As transformações em torno das paisagens culturais modificaram também as identidades. “Se no passado as paisagens culturais tinham nos oferecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (HALL, 2009, p. 1), a partir do final do século XX, há um deslocamento ou descentramento do sujeito, abalando a ideia que temos de nós mesmos como sujeitos integrados, sendo que o indivíduo sofre um duplo deslocamento de seu lugar no mundo social e cultural, como também de si mesmo. Estas mudanças geram uma perda do “sentido de si” e uma “crise de identidade”, o que leva a discussões sobre a questão, pois para Mercer (1990 APUD HALL, 2006, p. 1) “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise”.

Mas, o que é identidade? De acordo com Silva (2000) identidade não é uma entidade independente que existe na natureza. A identidade é interdependente da diferença. Identidade e diferença são criações sociais, resultantes de um processo de produção simbólica e discursiva e como tal, estão sujeitas a valores de força, a relações de poder e nunca são “inocentes”.

Desta forma, é fundamental a discussão em torno da construção da identidade, sobretudo na escola, pois os processos de construção têm a ver com a diversidade cultural e é no ambiente escolar que a diversidade cultural se torna mais evidente, tanto pela coexistência de múltiplas culturas, quanto pelo currículo que escolhe e privilegia este ou aquele aporte cultural que deverá ser ensinado. Além disso, a escola é o espaço que abriga em seu cerne os mais variados aspectos da

construção identitária e, portanto, é um espaço privilegiado para se trabalhar a questão, como aponta Riscal (2009, p. 63),

Ao identificarmos o cenário de discriminações e preconceitos, vemos no espaço da escola as possibilidades de particular contribuição para alteração desse processo. A escola abriga em seu interior todas as distintas formas de diversidades, quer sejam de origem social, de gênero, sexual, étnico-racial ou cultural. É, portanto, um espaço privilegiado na construção dos caminhos para a eliminação de preconceitos e de práticas discriminatórias. A escola democrática e que forme indivíduos capazes de exercer a cidadania com dignidade, deve educar para a valorização da diversidade.

Porém, o tema ainda está longe de ser tratado adequadamente na escola e por enquanto é trabalhado de forma “marginal” (SILVA, 2009). Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) há a indicação para ser trabalhado como tema transversal. Contudo, as questões ligadas à produção da identidade, além de dever ser tratada como uma das prioridades da educação precisa ser problematizada a partir do binômio identidade/diferença, pois a identidade não é somente aquilo que se é, mas ela está em estreita relação com a diferença que se caracteriza como aquilo que não se é. Assim, identidade e diferença só existem na relação de interdependência.

O teatro é uma linguagem artística essencialmente de grupo que lida com a expressão de diversas formas e é uma das poucas disciplinas que propicia ao estudante o “levantar da cadeira” e “aprender com o corpo todo”. É uma área de conhecimento que tem um papel fundamental na vida do educando e que pode auxiliá-lo sobremaneira na construção crítica das identidades, inclusive, possibilitando que a construção ocorra de várias maneiras, seja por meio do estudo das personagens e suas identidades, pela utilização da temática pelo professor de teatro para um curso na escola ou de forma natural, quando o educando tem que lidar com suas identificações, tendências, dificuldades e habilidades no trabalho teatral, grupal.

Assim, o objetivo deste artigo é refletir sobre a importância de se discutir e problematizar a construção da identidade do aluno na escola; além de relatar uma experiência prática em que utilizo o tema para um curso de teatro no Colégio Estadual Almirante Barroso, um colégio do subúrbio ferroviário da Cidade do Salvador.

Para tanto, este artigo foi estruturado nas seguintes seções: Identidade: um caminho em construção, na qual discuto a construção da identidade, de forma geral e, sobretudo na escola, por meio de teóricos como Tomaz Tadeus da Silva (2000), Stuart Hall (2000) e Vera Maria Candau (2008). Na secção, Arte, teatro e vida, discorro sobre a importância da arte-educação e do teatro na construção da identidade do aluno. Na penúltima seção: Mesmo que seja estranho, seja você: uma experiência no ensino de teatro para a construção da identidade, relato uma experiência prática em que utilizei o tema identidade para o curso regular da primeira unidade no colégio supracitado, na busca por compreender os posicionamentos dos alunos a respeito das múltiplas identidades, bem como, buscar reflexões e ressignificações acerca do tema.

## **2 IDENTIDADE: UM CAMINHO EM CONSTRUÇÃO**

### **2.1 NOS TRILHOS DO TREM**

Trabalho no Colégio Estadual Almirante Barroso, no Bairro de Paripe, no subúrbio ferroviário de Salvador desde o ano de 2009. Para aplicar a proposta pedagógica a fim de pesquisa para o Mestrado Profissional em Artes, não quis fazê-lo em oficina no contra turno ou em outro horário especial. Queria mostrar que é possível, nas aulas regulares, darmos aulas de teatro, apesar das condições contrárias a isso.

A proposta pedagógica tinha como principal objetivo problematizar o tema identidade por meio dos jogos teatrais de Viola Spolin (2010) com um curso que teve como título: *Quem sou eu?* O curso foi iniciado no dia 15 de fevereiro, por ocasião do início do ano letivo, e encerrado no dia 26 de maio, totalizando 12 aulas.

O tema foi planejado para ser o motivador do trabalho da primeira unidade e para um total de 22 aulas. Porém, o trabalho nesta unidade foi bastante conturbado, tivemos duas greves nacionais, dois “feriadões”, impossibilitando o encontro com as turmas; além de que a escola em que trabalho suspendeu as aulas por duas semanas em apoio a um protesto realizado por escolas do subúrbio que estavam sem merendeiras e sem funcionários da limpeza, devido a atrasos no pagamento dos salários destes profissionais.

Essas discontinuidades das aulas na escola pública são um grande entrave para o processo de ensino-aprendizagem. Todos os anos, diversos acontecimentos paralisam a escola por várias vezes, fazendo com que os processos tenham cortes que dificultam a concretização dos planejamentos. No entanto, apesar disso, com boa vontade, coragem e parceria professor/aluno/gestão, é possível construir um trabalho que gere bons frutos.

Contudo, antes de continuar, considero fundamental que situemos a unidade escolar, na qual o trabalho foi realizado, pois como colocam Santos e Silveira (2006, p.247), “o espaço é sempre histórico”. Portanto, para compreender o alunado do Colégio Estadual Almirante Barroso, é preciso conhecer Paripe, o território em que ele está situado. De acordo com Santos e Silveira (2006, p. 247),

O território revela também as ações passadas e presentes, mas já congeladas nos objetos, e as ações presentes constituídas em ações. No primeiro caso, os lugares são vistos como coisas, mas a combinação entre ações presentes e as ações passadas, às quais as primeiras trazem vida, confere sentido ao que preexiste. Tal encontro modifica a ação e o objeto sobre o qual ela se exerce, e por isso uma não pode ser entendida sem a outra.

Paripe faz parte da região que é conhecida como subúrbio ferroviário de Salvador, localidade composta de vários bairros por onde passa a linha do trem da via férrea “Leste”. Suburbana e periférica, essa região possui vida cultural própria e seus moradores costumam organizar diversos eventos, envolvendo arte e cultura. Em muitos bairros existem equipamentos culturais bastante conhecidos na região, sendo que alguns dos mais importantes são o Centro Cultural de Plataforma, onde são apresentados vários espetáculos teatrais, palestras, eventos de formação cultural e curso de teatro, entre outros cursos, para moradores, e o Paripe Hall, espaço para shows musicais em Paripe.

Na região do subúrbio Ferroviário também se pode encontrar várias bandas de ritmos diferentes (reggae, rock, pagode) grupos de rap, rappers, grafiteiros, entre outros artistas. Há uma página na rede social facebook, com o título “Artistas do subúrbio” onde são divulgados os eventos; além do *Movimento de cultura popular do subúrbio*, um grupo que também promove palestras e cursos, agrupando vários grupos culturais e de teatro; o *Fórum de arte e cultura do subúrbio* trata-se de um coletivo formado por grupos artísticos do subúrbio com o intuito de construir um processo participativo de gestão do *Cine-teatro Centro Cultural Plataforma*. Há

ainda, o site Agenda Cultural do Subúrbio, O Paripe.net, o subúrbio news, subúrbio em foco, sites que divulgam eventos e notícias daquela região.

O *bloco afro* e a *banda Araketu* surgiram em Periperi, um dos bairros do subúrbio, assim como, o conjunto musical *Tapajós* e posteriormente o *Trio Tapajós*, um dos trios mais conhecidos de Salvador. Em 1994 o escritor Jorge Amado passou uma temporada em Periperi e lá concluiu a escrita do seu livro *São Jorge dos Ilhéus*. Além disso, o escritor imortalizou o subúrbio ao escolhê-lo como o lugar onde o protagonista do seu livro, *Os velhos marinheiros* ou *O capitão-de-longo-curso* viveria os últimos anos de vida (BARRETO, 2011, p.14).

No subúrbio ferroviário, os problemas urbanos são inúmeros. Falta escolas, saneamento básico, agências bancárias, transporte público, a iluminação pública é precária e há falta de esgotamento sanitário que de acordo com Regis (2007) é um dos serviços com mais deficiência na localidade.

Reportagem do portal G1 aponta que o subúrbio ferroviário é a região mais violenta de Salvador, com 20% a mais de homicídios dolosos do que São Caetano, a segunda região considerada mais violenta (dados coletados pela Secretaria de Segurança Pública, de janeiro a junho de 2015). A maioria dos homicídios ocorre por motivos relacionados ao tráfico de drogas. Ainda, segundo a reportagem, vários territórios são demarcados por facções criminosas que dizem quem pode e quem não pode frequentar determinados espaços dentro das comunidades. É comum ouvirmos relatos de alunos da escola, atestando essa situação.

De acordo com Regis (2007), devido às deficiências é comum que os moradores dos bairros, reunidos em associações, criem diversos projetos na busca por amenizar as dificuldades e oferecer melhor qualidade de vida à população, como é o caso do Centro Comunitário Monteiro Lobato, em Lobato, que realiza oficinas de costura, bordado, artesanato, cabeleireiro, teatro, dança e capoeira para os moradores.

No campo da cultura, destaca-se o *Acervo da Laje* em São João do Cabrito, criado pelo pesquisador e professor José Eduardo Ferreira Santos. O *Acervo da Laje* conta com um número significativo de obras de artistas do subúrbio, e veio a integrar a 3ª Bienal da Bahia que ocorreu de 29 de maio a 7 de setembro de 2014. O trabalho de José Eduardo busca dar visibilidade ao trabalho dos “artistas invisíveis”,



termo utilizado por ele para designar os artistas da periferia de Salvador. Para o professor, há muita cultura e riquezas artísticas no subúrbio, porém, a invisibilidade se deve ao preconceito e a discriminação às pessoas daquele território, como podemos constatar em trecho de uma palestra realizada pelo pesquisador, em 2012, na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia,

Para mim foi e é um espanto que tanta cultura, iniciativa, obras e artistas tenham sido esquecidos por habitarem aquele torrão de história e cultura, que é o SFS. Esse esquecimento é proposital, mesquinho e busca não valorizar que a arte e a cultura são universais, independem da região, local, situação social e econômica e assim tenho me empenhado em divulgar, mostrar, abrir veredas e construir pontes para que essa beleza não fique restrita e só possa ser conhecida pelos turistas que compram essas obras como se fossem somente artesanato, sem se dar conta de onde, como e em quais condições (muitas vezes desumanas, em situação de privação econômica) elas foram elaboradas. (SANTOS, 2010, p. 2).

No entanto, apesar da riqueza cultural do subúrbio, ainda é um desafio a sua valorização em relação ao centro da cidade.

## 2.2 PARIPE, CERCADO DE PEIXES

Banhado pelas águas calmas da baía de todos os santos, Paripe é um bairro com nome de origem indígena que significa cercado de peixes (SANTOS ET AL., 2010, p. 416).

Tão antigo quanto à própria cidade de Salvador, desde o “descobrimento” é um território citado em documentos (REGIS, 2007). Em Paripe encontram-se as ruínas de uma das mais antigas igrejas do Brasil, a Igreja de Nossa Senhora do Ó, local que hoje abriga, também, um cemitério.

Em 1942, onde hoje é o bairro, existia o Engenho de açúcar de Santa Cruz de Torres, incendiado por índios tupinambás que habitavam aquela região em 1545. Foi reerguido posteriormente.

Com o tempo, a localidade se tornou um julgado, ou seja, povoado com administração independente:

Paripe é uma coisa interessante porque na verdade, embora faça parte da cidade de Salvador, foi anexado judicialmente à cidade muito depois da fundação. No século XVIII, Paripe ainda não integrava – digamos – legalmente a área da cidade de Salvador, era um julgado; ou seja, um

povoado de administração independente. (CID TEIXEIRA APUD SANTOS ET AL., 2010, p. 416).

Segundo Barreto (2011, p. 13) em 1860, após a inauguração da estrada de ferro Olaria (mais conhecida como “Leste”, devido a sua administração pela Viação Férrea Federal Leste Brasileiro), ligando o bairro da Calçada ao de Paripe, todo o subúrbio ferroviário se aproximou mais de Salvador.

Por sua aparência bucólica, até meados de 1970, era um lugar de veraneio de famílias ricas de Salvador que construíram ali diversas chácaras, algumas delas ainda existentes. A inauguração da Avenida Afrânio Peixoto, mais conhecida como Avenida Suburbana, na década de 1970 foi outro marco na vida do subúrbio ferroviário, propiciando maior trânsito entre o centro da cidade e Paripe (REGIS, 2007, p. 112).

O bairro, assim como o subúrbio ferroviário como um todo, foi ocupado principalmente por “invasões”<sup>1</sup>, sendo que a maior delas ocorreu em 1987 com a invasão de terrenos da prefeitura, onde hoje é o Bate Coração, ocasião em que mil famílias invadiram as terras (RÉGIS, 2007, p. 52). O Bate Coração é uma parte de Paripe bastante conhecida pela violência e tráfico de drogas. Assim, Paripe tem problemas como qualquer outro bairro da periferia: tráfico de drogas, violência, falta de saneamento básico, de transporte público, escolas, hospitais etc.

Contudo, até hoje, apesar de existir uma maior ligação do bairro com o centro da cidade e de todos os problemas já citados, Paripe ainda conserva um ar interiorano com suas casas e quintais grandiosos. Ao se chegar lá, parece-se ainda estar em um lugar independente de Salvador. Para os seus moradores, também, é comum essa impressão, pois é normal ouvi-los dizerem que irão à Salvador, como se o bairro não estivesse contido na cidade.

Hoje o bairro sobrevive da pesca (atividade existente desde a época da escravidão e que continuou a existir após a abolição – os negros libertos passaram a vender os peixes que pescavam), do comércio e de serviços. Segundo Regis (2007) Paripe tem alta taxa de escolaridade entre os chefes de família do centro do bairro, o que denota uma dinâmica diferente dessa localidade do subúrbio.

---

<sup>1</sup> Segundo Régis (2007), nas décadas de oitenta e noventa, boa parte das terras da prefeitura, no local onde hoje fica o bairro de Paripe foi invadida por várias famílias.

### 3 ARTE, TEATRO E VIDA

#### 3.1 ARTE-IDENTIDADE

Falar de Identidade é falar de cultura, de diversidade cultural, de diferença e, sobretudo, de relações de poder. De acordo com Martinazzo, Schimidt e Burg (2014), reflexões a respeito da diversidade cultural brasileira e seu estudo nas escolas passaram a ocorrer a partir das últimas décadas do século XX. Hoje, ainda, segundo os autores, o multiculturalismo é uma das características mais marcantes dos debates contemporâneos, em parte, por causa de documentos e textos criados pela Comissão dos Direitos Humanos da Organização das nações unidas (ONU) que chamam a atenção para o direito e o respeito à identidade em diversos aspectos, sobretudo, “assegurando proteção aos grupos não hegemônicos, sem que haja qualquer discriminação” (MARTINAZZO ET AL., 2014, p. 12).

A escola, como instituição social que lida com a diversidade, precisa também propiciar ao seu alunado o debate a respeito da diversidade e da construção da identidade.

A ação educativa na escola é uma tarefa difícil, delicada e complexa, sobre a qual se precisa manter um olhar atento e condizente com o tempo em que se vive. Nosso alunado, considerado de forma geral, como um público homogêneo passa sua vida escolar quase que completa, recebendo uma educação padronizada que desconsidera as especificidades e características mais diversas que influenciam na personalidade e na forma de aprender de cada um. Esse modelo educacional, pautado no ideal de cultura única, desconsiderando a diversidade presente na escola, está fadado ao fracasso. Não é a toa que um dos fenômenos mais comuns na escola é a repetição de série e a evasão. Entre outros motivos, pode-se considerar o desrespeito às identidades e à individualidade, bem como, a tentativa de homogeneização como um dos importantes fatores pelos quais os educandos fracassam.

Na escola em que atuo recebemos diversos tipos de estudantes, dos mais brilhantes àqueles que têm dificuldades de aprendizagem, os colocamos dentro das salas, sentados em suas carteiras, em fileiras, mal sabemos seus nomes, e sem nos aproximarmos deles, verdadeiramente, tentamos fazer com que todos aprendam da

mesma maneira, sem problematizar as diferenças, sem considerar a forma como cada um formula e aprende aquilo que queremos ensinar.

Nesse ínterim, sem que percebamos, (ou mesmo percebendo, sem que nada façamos a respeito) os estudantes convivem diariamente com uma série de situações, envolvendo preconceitos que vão desde a sua condição financeira a questões de gênero, raça e etnia, questões essas que envolvem as relações dos estudantes com seus colegas, com seus professores, com os funcionários, a gestão, e todos os envolvidos no processo educativo.

Assim, considerar a escola um espaço homogêneo e igualitário sem respeitar e problematizar as diferenças, sem entender e valorizar a questão das identidades, da própria escola, do universo em que está imersa e dos seus atores, é fazer uma educação descontextualizada, sem atrativos, e massacrante, que ao invés de desenvolver potencialidades e personalidades únicas e criativas, muitas vezes, as destrói, como escreve Vieira (2009),

[...] Ao invés de se estimular o desenvolvimento da expressividade do ser humano, o processo educativo escolar, caía e cai por vezes naquilo a que Paulo Freire chamou de educação bancária em que “o educador substitui a expressividade pela doação de expressões que o educando deve ir ‘capitalizando’. Quanto mais eficiente o faça tanto melhor o educando será considerado”. (FREIRE, 1977, p. 30 APUD VIEIRA, 2009, p. 127).

Vieira (2009), ainda, argumenta que essa forma de transmissão de conhecimento escolar a que Paulo Freire chamou de educação bancária, considera o professor como detentor do conhecimento e o educando a “vasilha vazia” em que será depositada o que o professor considera fundamental, sem que o estudante possa expressar suas ideias ou questionar.

Não é raro que um estudante contestador, crítico e inteligente passe a se calar e a apenas fazer o necessário para passar de ano, e ainda há aqueles que se tornam agressivos, e passam a ser considerados indisciplinados por não aceitar e não ver sentido naquilo que está sendo ensinado. Da mesma maneira, educandos com dificuldades de aprendizagem de ordem diversa continuam o processo escolar sem compreender o que está sendo dito, passando de série devido às falhas no sistema escolar ou repetindo as séries exaustivamente.

A metodologia “monocultural” (STOER, 1994 APUD VIEIRA, 2009), portanto, tem sido um grande entrave no processo de ensino-aprendizagem, pois

desconsidera as diversas culturas que formam os povos e possuem saberes, bem como, as diversas culturas individuais e grupais dentro da escola,

Mas é verdade que o processo de ensino-aprendizagem na escola, com as suas “meta-linguagens”, impõe-se hegemonicamente não só aos alunos de culturas com pouca proximidade com a escrita e a leitura, e, também, às suas famílias, construindo não só o insucesso e uma avaliação pela negativa, como também uma consciência de não ser capaz para subir os patamares da escada do saber escolar, a criança fica assim no dilema de se transformar em pouco escolarizado, “com poucas habilitações literárias” ou “reprovado”, a via mais fácil para a sobrevivência do seu próprio eu cultural e tantas vezes do seu próprio grupo doméstico – fugir da escola para trabalhar a terra – ou então, em se deixar e conseguir construir como oblató, o que implica a perda da memória e a adulteração da sua mente cultural. (VIEIRA, 1999, p. 125).

Homogeneizar, como aponta Vieira (1999), gera uma série de problemas para o educando, que não raro, fracassa. Não questionar as diferenças de classe social e econômica, raça, gênero, etnia, nacionalismo, religião ou grupo local, é desconsiderar toda a realidade e contextos existentes na escola que contribuem para as várias formas de preconceito e exclusão, seja de educando para educando, de professor para aluno e vice-versa, como também, a partir dos outros atores da unidade escolar.

Assim, uma educação que se pretende eficiente e responsável não pode se isentar de um trabalho intercultural. Candau (2008, 2012) afirma que a educação deve ir além do multiculturalismo, do respeito às múltiplas culturas, e promover a interação e o entrelaçamento destas culturas, ao que ela chama de interculturalidade. O trabalho intercultural é capaz de não só valorizar e respeitar as identidades, como também deve ser capaz de problematizá-las e discuti-las, ajudando o educando a entender o processo de construção, além de poder criticá-lo.

A arte, por ser uma atividade de natureza sensível e sensibilizadora, torna-se um espaço privilegiado dentro da unidade escolar no tocante à discussão a respeito da construção da identidade, já que a arte trabalha com as potencialidades e habilidades de cada estudante, de forma individualizada. O trabalho criativo é por si só pessoal, seja ele realizado individualmente ou em grupo e é capaz de levar o estudante a refletir e buscar em si mesmo as suas tendências e inclinações mais íntimas, fazendo-o questionar o seu lugar e sua forma de agir no mundo.

Contudo, para que a arte contribua com as mudanças em relação ao trabalho com a diversidade e a diferença, é importante que nos cursos de formação de

professores e nos cursos de formação continuada se considere a questão da identidade como um fator fundamental do processo de educação formal, que pode influenciar no sucesso ou insucesso escolar e assim propiciar aos professores reflexões a respeito de suas próprias identidades e das identidades dos educandos, pois esta é uma questão essencial para a educação atual.

### 3.2 O TEATRO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PESSOAL E GRUPAL

Como podemos ver em Reverbel (1997), o ensino do teatro possibilita reflexões a respeito de si e do outro, já que na realização dos jogos teatrais a pessoa é levada todo instante a fazer tais reflexões na busca pela resolução de problemas.

[...] o ensino de teatro é fundamental, pois, através dos jogos de imitação e criação, a criança é estimulada a descobrir gradualmente a si própria, ao outro e ao mundo que a rodeia. E ao longo do caminho das descobertas vai se desenvolvendo concomitantemente a aprendizagem da arte e das demais disciplinas. (REVERBEL, 1997, p. 25).

Martins corrobora a ideia de que ao dar vida a personagens, como ator, o educando se autoconhece. Ao se autoconhecer o educando também se conscientiza do processo de construção da identidade, assim como o entende e poderá aceitar ou ressignificar as identidades construídas.

[...] a vivência de novas emoções, sentimentos e situações por meio das personagens experimentadas pelo indivíduo, como ator, contribui sobremaneira para o seu autoconhecimento, na medida em que ele pode adaptar os seus próprios conteúdos internos e equipamentos físicos no seu ato criativo. (MARTINS, 2008, p. 11).

As identidades, não são fixas, como coloca Hall (2006, p.2), “a identidade é uma celebração móvel” a todo o momento o indivíduo pode adotar uma identidade ou outra, de acordo com seu interesse e necessidade. Portanto, o educando precisa compreender que a construção da identidade não é algo estanque, definido, e como argumenta Martins (2008, p. 13):

[...] A escola deve desencadear, estimular e transmitir referências comuns, para a inserção do aluno na sociedade, porém, precisa proporcionar a ele

uma experiência de liberdade criativa e, assim, desloca-lo da passividade e da pressuposição de que tudo possui um significado definido.

Assim, busquei, através do curso de teatro da primeira unidade com as turmas de primeiro ano, promover ações que levassem à reflexão a respeito da identidade e da necessidade de se discutir as diferenças, buscando a formação de um alunado mais consciente do seu papel como cidadão construtor e consumidor de cultura.

Para a experiência prática, utilizei como aporte teórico os jogos teatrais de Viola Spolin (2010, 1987), “Todas as pessoas são capazes de atuar no palco”, esta é a primeira frase do primeiro capítulo do livro: *Improvisação para o teatro*, de Spolin. Esse foi um dos motivos pelos quais considerei a autora como principal teórica para o meu trabalho prático em sala de aula.

A autora acredita no potencial de todos para aprender. Para ela, todos podem aprender qualquer coisa desde que o ambiente e o próprio indivíduo permitam. Além disso, por pesquisas, concluiu que os jogos teatrais podem estimular a liberdade pessoal e quebrar com as ideias de aprovação/desaprovação que temos de nós mesmos e dos outros para jogarmos livremente, inteiros. Conforme a autora,

[...] O primeiro passo para jogar é sentir liberdade pessoal. Antes de jogar, devemos estar livres. É necessário ser parte do mundo que nos circula e torná-lo real tocando, vendo, sentindo o seu sabor, e o seu aroma – o que procuramos é o contato direto com o ambiente. Ele deve ser investigado, questionado, aceito ou rejeitado. A liberdade pessoal para fazer isso levamos a experimentar e adquirir autoconsciência (autoidentidade) e auto-expressão. A sede de auto-identidade e auto-expressão, enquanto básica para todos nós, é também necessária para a expressão teatral. (SPOLIN, 1998, p. 6).

Essa forma de educação, pautada na liberdade pessoal para a experimentação e a experiência, é parte essencial de um trabalho de construção de identidade do aluno, por isso a utilização do método de trabalho da autora.

De acordo com Neves (2006, p. 79),

Viola Spolin (1992) desenvolveu um sistema de atuação a partir de pesquisas realizadas durante as décadas de 60 e 70. Comprometida com a proposta educacional, desenvolveu trabalhos com crianças e em comunidades de bairro em Chicago, constituindo grupos de teatro improvisacional. Retoma o pioneirismo de Stanislavsky ao levantar interrogações sobre o processo de educação no teatro, propondo acrescentar à livre expressão da imaginação criativa a regra oferecida pelo

jogo. Assim, fomenta a idéia da possibilidade do teatro fora do palco e constrói uma pedagogia baseada na prática e vivência de jogos teatrais.

Spolin (1998) propõe que o jogo teatral vise à solução de um problema proposto, baseado em regras estabelecidas pelo grupo. Assim, o trabalho prático foi conduzido, sobretudo, por improvisações com temas ligados a construção das identidades (sexualidade, gênero, raça, classe social, mundo dos jovens, adolescência, machismo), utilizando os três elementos-chave propostos pela autora para a condução da improvisação, o Onde (cenário/ambiente), o Quem (personagem/relacionamento) e o Que (ação).

#### **4 “MESMO QUE SEJA ESTRANHO”, SEJA VOCÊ: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE TEATRO PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**

Para Hall (2000) e Silva (2000) as identidades são construídas por meio do discurso, “produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2000, p. 109). E nós sabemos que a escola possui uma grande responsabilidade, pois pelo discurso disseminado em seu espaço, pode ajudar a desconstruir a ideia de que as identidades são fixas e que existem hierarquias quando nos referimos a gênero, raça, etnia, entre outros aspectos da vida humana.

Na escola em que trabalho é muito comum, por exemplo, as brincadeiras e risadas em torno da homossexualidade, bem como, era muito comum as meninas alisarem os cabelos. Quando se pedia um autorretrato, ou desenho dos pais, os alunos faziam desenhos de pessoas brancas de cabelos lisos e olhos claros, bem diferentes dos seus. Percebe-se com isso, que as identidades em construção estão imersas no discurso normativo que diz qual a cor ideal, qual a orientação sexual “correta” e como coloca Hall (2000, p. 109),

(...) elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna.

Assim, na busca por tratar de questões relativas à construção da identidade, iniciei o curso da primeira unidade do ano letivo, com o tema: *quem sou eu?*



Proporcionando ao educando a reflexão a respeito de si mesmo, compreendendo o processo de construção da identidade, podendo questionar e compreender como esses processos ocorrem e são demarcados pelas relações de poder. Porém, antes de continuar considero necessário entendermos em que espaço escolar este trabalho foi desenvolvido.

#### 4.1 ALMIRANTE BARROSO, O TIRANO QUE EDUCA

O Colégio Estadual Almirante Barroso é considerado de porte especial pela secretaria estadual de educação, devido ao número de alunos que atende, mais de dois mil e seiscentos, distribuídos em três turnos, nos níveis fundamental II e médio.

O colégio surgiu na década de 1960 com o objetivo de atender alunos do subúrbio ferroviário que estavam no ensino fundamental II. Primeiro funcionou numa pequena casa do bairro e depois foi para o prédio onde funciona até hoje. O alunado que a escola recebe vem principalmente de Paripe e de bairros circunvizinhos.

No que tange à proposta pedagógica, a unidade escolar tem mantido esforços para a valorização da estética e cultura negra (pois o alunado é composto, em sua maioria, por alunos negros), da afirmação das sexualidades, do respeito às questões de gênero e do respeito à diversidade.

Todos os anos um projeto transdisciplinar (os professores das três áreas trabalham em conjunto uma mesma temática) é elaborado, com temas relacionados à identidade. Já trabalhamos com temas como, etnicidade, diversidade cultural, gênero (em que discutimos questões de gênero e analisamos letras de músicas que depreciam a mulher).

Esse projeto começa a acontecer na segunda unidade e tem sua culminância na quarta e última unidade com apresentações artísticas, seminários ou outros produtos em que os professores considerem melhor para a apresentação final do tema.

Na semana da consciência negra a escola promove palestras e debates com temas ligados as questões raciais, além de proporcionar apresentações artísticas com grupos de música locais. Foi numa destas apresentações em 2014 que um dos grupos ao se apresentar clamou aos alunos que pedissem ao diretor que mudassem

o nome da escola, pois, segundo eles, o Almirante Barroso havia sido um tirano que assassinara diversos negros.

Francisco Manuel Barroso da Silva, o dito tirano, nascera em Portugal e fora naturalizado brasileiro por força da constituição imperial de 1824. Participou com destaque de vários combates navais durante a guerra contra as Províncias Unidas do Rio da Prata, na luta contra a cabanagem no Grão Pará, na batalha do Riachuelo, entre outras. Dom Pedro II concedeu-lhe o título de barão em 1866, tendo recebido várias outras condecorações ao longo da vida.

#### 4.2 A EXPERIÊNCIA PRÁTICA: ANÁLISE E RESULTADOS

O projeto *quem sou eu?* foi aplicado nas cinco turmas de ensino médio com as quais trabalho, porém, para fazer o relato, escolhi as turmas do 1º ano A do ensino médio da manhã e do 1º ano A do ensino médio da tarde. A escolha se deu pela diferença nos perfis das turmas. A turma da manhã demonstra um maior entendimento das questões discutidas, bem como uma maior maturidade artística, se comparada com a turma da tarde. Nestas duas turmas os alunos estão com idade/série adequadas e a frequência é linear, o que permite um acompanhamento melhor do desenvolvimento.

O primeiro ano da manhã tem 45 alunos, 27 do sexo masculino e 18 do sexo feminino. O da tarde tem 42 alunos no total, 23 do sexo feminino e 19 do masculino. Nos dois grupos as idades variam entre 14 a 15 anos.

Os desafios para o ensino de teatro na escola são muitos: não há espaço físico ou carga-horária adequada, o número de alunos por sala é grande, variando de 35 a 45.

O ensino do teatro possui especificidades que demandam um tratamento diferenciado das outras disciplinas do currículo, como um espaço físico sem móveis, carga-horária diferenciada e número de alunos reduzido por turma. Contudo, as dificuldades não são empecilho para a realização das aulas e por este motivo não quis realizar a experiência prática em oficina no contra turno ou em horário especial, mas nas aulas curriculares.

Os alunos demonstram interesse em participar das aulas, ajudando a retirar as cadeiras e participando das atividades. No primeiro dia de aula do projeto, pedi

que fizessem a avaliação da aula com uma palavra e alguns usaram as palavras, “necessário”, “importante”, por exemplo.

Corroboro com o pensamento de Mendonça (2009, p. 85) quando a autora argumenta que para os estudantes a quem falta muita coisa, há uma fome,

A **fome** reconhecida nesses espaços não se refere à ausência de um único alimento. Nem simplesmente ao “corre corre” no horário da merenda. É fome de imagens, fome de ser bem tratado, fome de infância, fome de aulas planejadas, fome de reconhecimento, de socialização, de visibilidade, de valorização, de recursos tecnológicos. Fome simplesmente de aulas, considerando a frequente falta e ausência de professores nas escolas públicas. E, sobretudo, **fome de cultura, fome de arte, fome de teatro**. A metáfora aqui é tudo que subtraio da palavra fome.

Acredito que por causa dessa “fome”, de que nos fala Mendonça (2009), os educandos estão ávidos por algo que os tire da mesmice e mude o cotidiano escolar desinteressante e homogeneizador, pois, na escola em que trabalho, há sim interesse pela arte e pelo teatro.

Quando programamos ida a museus ou a teatros, logo se prontificam a pagar passagem para irem. Além disso, há um grande interesse pelas aulas práticas de teatro. No entanto, numa aula de 50 minutos trabalho com pequenos esquetes, passo cenas para serem montadas por eles durante a semana e apresentadas depois. Trabalho, sobretudo com improvisações.

Neste ano, o interesse pelo teatro não foi diferente, sendo oriundos do ensino fundamental e sabendo que no primeiro ano do ensino médio estudarão teatro e não mais artes visuais ou música, os alunos já demonstram interesse pelas aulas.

Para o projeto, iniciei as aulas com uma dinâmica em que os alunos deveriam se apresentar através de um espelho<sup>2</sup>, dizendo características da pessoa que estavam vendo. A ideia era perceber a forma como se relacionavam consigo mesmos, as ideias que cada um fazia de si. Nesse ponto, foi possível perceber diferenças entre os estudantes das duas turmas. Os alunos da manhã demonstraram mais tranquilidade ao falarem de si mesmos, possuindo maior consciência de quem são, o que pode ser demonstrado em frases como: “essa pessoa é considerada uma estranha, mas gosta de ser assim”, Já os alunos da tarde, de forma geral, eram evasivos, “essa pessoa é muito chata” “essa pessoa é

---

<sup>2</sup> Numa caixa, foi colocado um espelho. Cada aluno era convidado a olhar dentro da caixa e definir a pessoa que via. Não podia dizer quem estava vendo e deveria falar de si mesmo na terceira pessoa.

idiota e insuportável”. Além da dinâmica, antes de falar qual era o tema do curso, pedi que escrevessem um texto sobre eles mesmos, com o título: *quem sou eu?* Desejei fazer dessa forma para perceber quais as ideias que tinham de si mesmos, sem nenhuma outra noção dada por mim.

Na segunda aula, apresentei o tema, perguntando se sabiam o que era identidade. A maioria falava que era o documento que nos identifica, e alguns falaram que era aquilo que a gente é.

No decorrer das aulas, foram feitas improvisações, utilizando o quem, que e onde, técnica de improvisação de Viola Spolin (1987), com temas como: sexualidade, raça, gênero, etnia, classe social, machismo<sup>3</sup>. Geralmente as cenas eram realizadas a partir do estereótipo: quando se falava em sexualidade, faziam cenas que envolvesse a homossexualidade; gênero – falavam de mulheres que queriam trabalhar e os homens não deixavam; raça – mostravam cenas de racismo que envolvia roubo (várias cenas em lojas em que o vendedor se preocupa com o negro, enquanto deixam os brancos livres e estes que eram os ladrões) ou ações da polícia, como por exemplo, um grupo fez uma cena em que os policiais não se importavam com uma dupla de brancos que tentava roubar um carro, pois imaginavam que o carro era deles, mas ao ver o negro tentando abrir seu próprio carro o abordam e o levam preso).

Por serem aulas de 50 minutos, não dava para discutir cada cena, pois além da aula ser curta, o número muito grande de alunos fazia com que o tempo fosse gasto com as apresentações. Porém, foi possível perceber o que pensavam sobre os temas a partir do que era discutido em cena, ou pelos comentários da plateia.

Em uma das apresentações sobre gênero, foi interessante ver um aluno, declaradamente homofóbico, representado um homem que iria se casar com outro homem, sendo que na cena algumas pessoas eram contra o casamento e protestavam no fórum. A juíza levantou-se e pediu a saída dos que não concordavam com o casamento, argumentando que estes eram novos tempos e quem não concordava em respeitar os direitos dos homossexuais de se casar, deveriam sair do recinto.

Em outra cena, sobre machismo, os alunos representaram um garoto que havia engravidado três garotas ao mesmo tempo e não queria assumir nenhum dos

---

<sup>3</sup> O trabalho era realizado em grupos. Cada grupo recebia um tema para criar a partir dele, assim, pudemos discutir sobre vários aspectos da construção da identidade.

filhos. O pai do personagem apoiava seu comportamento, enquanto a mãe exigia que ele assumisse. Alguns alunos da plateia faziam comentários como: “miseravão” “é o cara”, ao mesmo tempo, as meninas da plateia protestavam: “ele é irresponsável”, “não fez? Agora tem que assumir”.

Após a realização de alguns jogos teatrais e de improvisações, passei como exercício, que realizassem cenas mais elaboradas (com elementos de cena, cenário, texto), dando-lhes um espaço maior de tempo para serem apresentadas, de uma semana para outra.

O resultado da apresentação dessas cenas foi bastante interessante e enriquecedor, sendo que a turma da manhã sempre se aprofundava mais nos assuntos, fugindo do estereótipo e, apresentando os temas de forma mais crítica. Um dos grupos, por exemplo, representou pessoas de várias culturas e línguas diferentes e ao final falaram da importância do respeito ao outro e sua forma de agir e falar.

Como atividade final, pedi que os alunos desenhassem o contorno do corpo um do outro no papel metro, e o preenchessem artisticamente com desenhos, colagens, pinturas, como lhes interessasse. Além de preencherem o contorno do corpo, deveriam escolher ou criar uma poesia de que gostassem. Com esta tarefa, tive a intenção de que se voltasse ao “quem sou eu”, e pudéssemos avaliar se havia tido algum aprofundamento na visão de si mesmos.

Nos trabalhos da turma da manhã era possível ver no preenchimento do contorno do corpo, suas inclinações, interesses, desejos. Já os educandos da tarde, na maioria das vezes, não coloriram os desenhos e quando sabiam que era para apresentar aos colegas, alguns resistiram muito, dizendo que estava feio.

Uma menina da manhã preencheu o contorno com um desenho dos órgãos reprodutores da mulher, e disse que o tinha feito para que os meninos vissem, pois muitos meninos não sabiam como eram os órgãos reprodutores da mulher. A parte superior ela preencheu com palavras e uma frase que segundo ela representava seus gostos (simplesmente ser feliz, música, amigos, alegria, dança, leitura, festa, diversão, séries. Em um dos braços estava escrito, “quem sabe um dia viveremos” e no outro, “mesmo que seja estranho, seja você”).

Assim, percebemos que alguns aspectos das discussões em sala apareciam nos trabalhos, como quando discutimos a necessidade de ser autêntico, na aula em

que levei dois vídeos como problematização da discussão em torno da construção da identidade pessoal e de grupo<sup>4</sup>.

Após cada um apresentar o contorno do corpo, montamos uma apresentação com as poesias. A ideia era que com a continuidade das aulas, pudéssemos aprofundar a discussão sobre o tema. Porém, como o processo foi interrompido várias vezes, resolvemos montar uma apresentação coletiva para que uma turma pudesse se apresentar para a outra e mostrar que trabalhando o mesmo tema, cada turma mostrou sua própria identidade.

Pela manhã, a turma toda participou da montagem final, em que, a partir dos poemas criaram um trabalho corporal, demonstrando a importância da poesia para a vida de cada um.

Na turma da tarde, a partir dos poemas, foi criada uma apresentação em que a questão da mulher era o foco central, devido o fato das poesias mais interessantes tratarem da mulher, e principalmente a mulher negra, como um ser forte. Nesta apresentação, criada coletivamente, homens diziam frases como: “você é gorda”, “você é alta demais”, “magra demais”, “gosto de loiras”. A cada frase dita, uma mulher caía ao chão. Quando todas as mulheres do grupo caíam, uma delas, empoderada por uma poesia que tratava da mulher negra que se assume, as outras acordavam e passavam a dizer frases como: “ninguém pode me dizer como devo ser. E para mim, sou perfeita”, “sou linda como sou, se não gosta da minha aparência, procure os seus”. Nessa apresentação, ficou claro o foco na questão de gênero e de como o machismo influencia a autoestima e aceitação da mulher por si mesma.

Durante as aulas os alunos mantiveram um diário de bordo, em que deveriam registrar o que ocorrera, além de suas impressões sobre as mesmas. Os diários da turma da manhã contam com reflexões que demonstram um pensamento mais crítico a respeito das aulas, da professora e deles mesmos. Um dos alunos escreveu<sup>5</sup>:

---

<sup>4</sup> Em uma das aulas, levei os vídeos: Pro Infirmis - because who is perfect? E o clipe da música The Wall da banda Pink Floyd. O primeiro vídeo mostra o projeto de um artista que criou manequins a partir do corpo de pessoas com deficiência, mostrando a importância da representatividade e da individualidade. O segundo vídeo, retrata a tentativa de homogeneização, de fazer com que todos sejam iguais. A partir desses vídeos discutimos a construção das identidades individuais e de grupos.

<sup>5</sup> Os relatos escritos dos alunos serão reproduzidos respeitando a forma como escreveram, inclusive os erros gramaticais a fim de conferir-lhes maior fidelidade.

A primeira aula foi muito divertida e criativa, a ideia do espelho foi ótima, vimos que falar de nós mesmos não é tão fácil, citar nossas qualidades, mas também anunciar nossos defeitos em público é muito difícil, mas também bastante libertador. (M. aluno do primeiro ano A da manhã).

No geral, todos escreveram que as aulas eram muito divertidas e que era um momento diferente dentro da escola.

Na sua segunda aula, que assistir é claro, gostei muito também, fizemos cenas bem engraçadas, com vergonha claro. Mais ai é questão de tempo, mais um dia de aula com risadas, gargalhadas, sorrisos, e aprendizado de uma forma mais divertida, gosto do jeito que a professora nos ensina. Porque quando o dia está ruim, cheio de aulas chatas, vem ela com aquele rostinho lindo, e sua aula maravilhosa para salvar.

A primeira aula eu achei muito legal, aprendi que podemos desenvolver nosso corpo e aprender muitas coisas com postura e equilíbrio. A segunda aula eu aprendi que com o nosso corpo a gente pode brincar e desenvolver uma quantidade de coisas. A sua aula é muito importante gosto muito até porque a professora é muito legal. (G. aluna do primeiro ano A da manhã)

Na quinta aula tivemos que apresentar uma peça com o tema "raça", ensaiamos, arrumamos fizemos e apresentamos. Eu gostei bastante. Espero que tenha mais vezes esses trabalhos. (T. aluna do primeiro ano A da manhã).

Quanto às reflexões a respeito do tema do curso, o tempo de aula foi muito curto para que tenham reflexões mais específicas sobre o assunto. Porém, é possível perceber que apesar de não tratarem do tema, nomeando-o, já entendem a importância de se posicionarem e se colocarem no mundo como pessoa única, com suas identificações e ideias. Quando a aluna escreve: *mesmo que seja estranho, seja você*, é possível inferir que os educandos estão entendendo a importância da aceitação de si mesmos e das suas identidades.

## 5 PALAVRAS FINAIS

A escola, como um espaço de formação por excelência e de construção e reprodução de ideologias, precisa estar atenta às questões relacionadas à construção da identidade, pois no espaço escolar convivem diversas culturas, que precisam ser respeitadas, valorizadas e discutidas, na busca pela compreensão da formação do ser humano atual; bem como, na busca por discutir e problematizar as relações de poder envolvidas na construção da identidade.

A arte e, sobretudo, o teatro são linguagens que podem, na escola, contribuir sobremaneira para a discussão e a construção das identidades de forma crítica e

consciente, por serem estas áreas de conhecimento que trabalham diretamente com o ser humano, de forma integral, corpo e mente envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, o que propicia a autorreflexão e o entendimento de si e do outro.

A experiência prática realizada no Colégio Estadual Almirante Barroso, nos mostra que o alunado é capaz de refletir e construir ideias a respeito das identidades impostas e entendidas como fixas, por meio de improvisações, construção de cenas e de discussões a respeito da temática, podendo entender e respeitar suas identidades e as identidades do outro.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Natan. Periperi. In: BARRETO, Natan. **Entre mangueiras**: a vida de Eunice Palma. Salvador: Kalango, 2011. p.13-33.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v.13, n.37, abr. 2008. p.45-56. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau\\_interculturalidade.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_interculturalidade.html)>. Acesso em: 25 jan. 2016.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 33, n.118, jan.-mar. 2012. p.235-250. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br/>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. Arte-identidade. **Humaniza SUS**, v.1, 4.ed, Fortaleza. Disponível em: <[http://www.pensamentobiocentrico.com.br/content/ed04\\_art01.php](http://www.pensamentobiocentrico.com.br/content/ed04_art01.php)>. Acesso em: 16 jan 2016.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p.103-133.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARTINAZZO, Celso José; BURG, Cristiani Isabel; SCHIMIDT, Aline. Identidade e diversidade cultural no currículo escolar. **Contexto e educação**, v.29, n.92, Ijuí, janeiro/abril. 2014. p.4-20.

MARTINS, Guaraci da Silva Lopes. O teatro-**educação**: Formação de alunos do ensino médio. **R.cient./FAP**, v.3, Curitiba, jan-dez. 2008. p.9-24.



MENDES, Henrique. **Região mais violenta de Salvador, subúrbio resiste ao tráfico de drogas**. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/09/regiao-mais-violenta-de-salvador-suburbio-resiste-contracao-do-trafico.html>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

MENDONÇA, Célida Salume. **Fome de que? Fome de quê? Processos de criação teatral na rede pública de ensino de Salvador**. 2009. 238f. Tese (doutorado) – Escola de teatro da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

NEVES, Libéria Rodrigues. **O uso dos jogos teatrais na educação: uma prática pedagógica e uma prática subjetiva**. 2006. 222f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PINK Floyd: **the wall**. Direção: Alan Parker. Produção: Alan Marshall. 6:21m. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vrC8i7qyZ2w>>. Acesso em: mar. 2015.

PRO infirmis: **because who is perfect?** Direção: Alain Gsponer. Produção: Caro Büchel, Michael Kindermann/Pumpkin film. 4:28m. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E8umFV69fNg> . Acesso em: mar. 2015.

REGIS, Imaíra Santa Rita. **Lobato e Paripe no contexto da avenida suburbana: uma análise socioespacial**. 2007. 178f. Dissertação (Mestrado em geografia) – Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. 2.ed. São Paulo: Scipione. 1997.

RISCAL, Sandra. Cultura e diversidade cultural. In: RISCAL, Sandra *et al.* **Marcas da diferença no ensino escolar**. São Carlos: UFSCar virtual, 2009. p.22-40.

SANTOS, José Eduardo Ferreira. **Artistas invisíveis da periferia de Salvador**. Disponível em: <[http://www.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/Artistas\\_invisiveis\\_da\\_periferia\\_palestra\\_ufba1.pdf](http://www.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/Artistas_invisiveis_da_periferia_palestra_ufba1.pdf)>. Acesso em: 21 abr. 2016.

SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do séc. XXI**. 9.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **A produção social da identidade e da diferença**. In: **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p.73-102.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

UOL EDUCAÇÃO. **Biografias**. Disponível em:  
<<http://educacao.uol.com.br/biografias/almirante-barroso.jhtm>>. Acesso em: 2 jul.  
2016.

VIEIRA, Ricardo. Da multiculturalidade à educação intercultural: a antropologia da  
educação na formação de professores. **Educação, sociedade e culturas**, n.12.  
Porto, 1999. p.123 a 162. Disponível em:  
<<http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC12/12-6-vieira.pdf>>. Acesso em: 16 jan.  
2016.